

## EDITORIAL

Ivoni Richter Reimer

As parábolas fazem parte de um gênero literário muito utilizado na literatura judaica e cristã. Não é algo próprio de Jesus. Ele e seu movimento, bem como as igrejas das origens, utilizam-se desta forma de comunicação oral, depois transformada em escrita. É uma maneira de comunicar realidades profundas – que transcendem o cotidiano – a partir de realidades cotidianas. Realidade e imaginário estão colados e se interpretam mutuamente, de forma afirmativa ou questionadora.

Achamos por bem dedicar este número de Estudos Bíblicos a este gênero literário. Ele é muito utilizado em nossas práticas pastorais, comunitárias e acadêmicas. Faz parte do senso comum, e anda até bagatelizado. Muito rapidamente se associa qualquer parábola com o Reino de Deus, com Deus... Há parábolas que profundamente questionam práticas sociais e econômicas através da metáfora de um ‘homem rico’, e mesmo assim este homem é inquestionavelmente interpretado como representante de Deus. Por isto, pensamos ser um momento oportuno de repensar nossa compreensão de parábolas.

Temos, aqui, algumas contribuições. Não são pretensivas. Todas, porém, ajudam a tecer este nosso momento. Não temos, ainda, uma “teoria das parábolas” que possa dar conta de nossos anseios, inquietações e necessidades e fazer frente às tradicionais e conservadoras tendências hermenêuticas eclesiais. Mas temos indicativos de releituras, desde as bases eclesiais até as academias. Estão, em parte, aqui registradas. Tentamos reunir interpretações do Primeiro e do Segundo Testamentos.

Pedro Lima Vasconcelos, a partir de percepções pastorais, delinea perspectivas e passos hermenêuticos para a compreensão de parábolas canônicas e apócrifas.

Luiz Alexandre Solano Rossi ocupa-se da parábola de Joatão (Jz 9,7-15) para tecer e reler campos imaginários e simbólicos que refletem relações de poder. William César de Andrade, partindo de experiências de catequese e estudos bíblicos, interpreta 2Sm 12,1-4 a partir da realidade histórica da monarquia em torno de Davi e Salomão e da nossa realidade política atual.

Joel Antônio Ferreira faz um estudo minucioso sobre a parábola da semente (Mc 4,26-28), situando-a dentro da realidade político-econômica do século I. Elabora também passos metodológicos para a interpretação de parábolas e alegorias.

Andréa Paniago Fideles evoca e resgata o universo infanto-juvenil presente em muitas parábolas de Jesus, principalmente no evangelho de Lucas. Destaca problemas

de traduções e de interpretações a partir das realidades sociais das crianças no tempo de Jesus.

Haroldo Reimer, a partir de experiências pastorais, ensaia perspectivas hermenêuticas com a parábola de Lc 15,11-32, destacando intencionalidades e ausências dentro do contexto de comunidades no final do século I.

Ivoni Richter Reimer interpreta a complexa rede de poderes e realidades presentes em Lc 16,1-8 dentro de seu contexto histórico e jurídico, propondo novos olhares que remetem a diferentes avaliações da história interpretativa do texto e postulam outras práticas econômicas.

Alessandro Rodrigues Rocha, de maneira interdisciplinar e com o recurso pedagógico do Teatro do Oprimido, analisa Lc 16,19-31, contribuindo também para a metodologia no estudo das parábolas.

Uma Resenha do novo livro sobre *As Parábolas de Jesus*, de Luise Schottroff, convida para dar continuidade ao estudo das parábolas, numa perspectiva histórica e escatologicamente libertadora.

A multiplicidade das interpretações está presente nos artigos deste número de Estudos Bíblicos. Não há homogeneidade. Às vezes há até contradição entre um e outro aporte. É assim mesmo com a interpretação e a compreensão de textos. Nisto reside também um desafio que continuamente se refaz: refletir e dialogar sobre nossas metodologias e sobre a utilização de nossos instrumentais de análise, bem como de nossas hermenêuticas.

Como convite para a leitura de todos os textos aqui apresentados, transmito uma parábola rabínica sobre maneiras distintas de comunicar realidades, percepções e necessidades. Boas leituras!

“Certa vez, a Verdade andava visitando os homens, sem roupas e sem adornos, tão nua como seu nome. Todos que a viam, viravam-lhe as costas, de medo ou de vergonha. Ninguém lhe dava boas-vindas. Assim, a Verdade percorria os confins da terra, rejeitada e desprezada. Uma tarde, ela encontrou a Parábola que passeava alegremente num traje belo, e muito colorido.

- Verdade, por que estás tão abatida? – perguntou a Parábola.

- Porque sou tão velha que os homens me evitam, replicou a Verdade.

- Que disparate, riu a Parábola. Não é por isso que os homens te evitam. Toma, veste algumas de minhas roupas, e vê o que acontece.

Então a Verdade revestiu-se com algumas das lindas vestes da Parábola, e de repente, por toda a parte por onde passava, era bem-vinda” (A.F. ANDERSON; G. GORGULHO. *Parábolas: a palavra que liberta*. São Paulo, 1989).